

Memória afetiva é resistência

A pandemia agravou o processo de luto no mundo inteiro; na Maré, da tristeza das famílias surgiu o Memorial Covid, que acolhe os enlutados por meio da arte. **PÁGINA 13**

Saneamento básico: embaixadores da Maré ajudam a desenhar um panorama atualizado da situação

PÁGINAS 6 E 7

O que mudou dois anos depois de as Cartas da Maré virarem destaque no mundo inteiro?

PÁGINAS 8 E 9

Artigo: fundador da Redes da Maré aborda como morar na favela pode ser fator de discriminação

PÁGINA 12

MATHEUS AFFONSO



Minha História

Como o reconhecimento progressivo das ruas da Maré por parte do poder público é primordial para que a cidadania dos moradores do conjunto de favelas seja respeitada.

PÁGINAS 10 E 11

ONG Pra Elas

Projeto social da Maré ensina defesa pessoal e busca impactar positivamente a autoestima de mulheres com mais de 25 anos.

PÁGINA 15

MATHEUS AFFONSO



EDITORIAL

A edição 130 do Maré de Notícias aborda a importância do respeito ao sentimento de luto coletivo pelas vidas perdidas para a covid-19 nos territórios — centenas entre os mais de 600 mil brasileiros mortos pela pandemia. Mas é importante lembrar sempre: gente é para brilhar, afeto é memória. O Memorial Covid, que traduziu em forma de arte as lembranças e o carinho dos familiares de vítimas fatais do novo coronavírus na Maré, é o assunto da página 13 do jornal.

Por falar em memória e território, a reportagem de Hélio Fernandes nas páginas 10 e 11 recupera o histórico dos nomes de ruas das 16 favelas da Maré. O projeto *Minha História, Minha Rua: O Direito ao Endereço da População* aumenta sua abrangência e muitos dos logradouros da região rendem homenagens a moradores antigos e personalidades conhecidas da região. A regulamentação das ruas está diretamente ligada às lutas pela organização e concretização da cidadania dos mareenses, iniciadas há cerca de três décadas.

Nas páginas 4 e 5, a matéria de Gracilene Firmino traz à tona os desafios enfrentados pelos jovens que vão fazer este ano a prova do Enem, estudando em casa por conta das escolas ainda fechadas e aulas remotas. Mesmo com tantas dificuldades, eles seguem motivados, lutando contra as limitações e acompanhando os conteúdos nos pré-vestibulares, sempre com a esperança de ingressar no ensino superior. As provas do Enem 2021 serão aplicadas nos dias 21 e 28 de novembro.

Há dois anos, em uma mobilização marcante, as *Cartas da Maré* — mensagens e desenhos de pequenos mareenses — pediam paz e respeito à vida dos moradores aos representantes do poder público. Desde então, o que mudou quando o assunto são as operações policiais? A matéria que ocupa as páginas 8 e 9 desta edição refaz o contato com as crianças (algumas delas já adolescentes) e suas famílias para entender como eles veem a situação atual e o que esperam.

Ótima leitura e lembre sempre: máscaras em potenciais aglomerações, higiene das mãos e distanciamento social salvam vidas. A vacinação avança - inclusive tivemos a segunda fase do #VacinaMaré entre os dias 14 e 16 de outubro -, mas os cuidados não devem ser abandonados. Até a próxima!

CHARGE - NANDO MOTTA



Nando Motta

HUMOR

No Conjunto Bento Ribeiro Dantas, um morador pedala calmamente quando um garoto grita: "A roda está rodando." O morador freia e fica a olhar para os pneus. Retoma seu trajeto, sem acreditar que caiu numa peça. Continua a pedalar e outro garoto grita a mesma coisa; dessa vez, porém, ele não para. Mais à frente, um outro menino grita: "Moço, a roda de trás está perdendo." O morador não entende e freia mais uma vez. O menino, rindo, explica: "É que se a roda de trás está perdendo é porque a da frente está ganhando."

ENVIE SUA POESIA,
FOTO, RECEITA
OU PIADA. ESTE
ESPAÇO É SEU!

contato@maredenoticias.com.br

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

redes da **maré**

PARCERIA:

actionaid

MARÉ
DE NOTÍCIAS

R. Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda - Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
www.mareonline.com.br
maredenoticias@gmail.com
contato@maredenoticias.com.br

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré
Campanha Climão
Casa Preta da Maré
Centro de Artes da Maré
Espaço Normal

EDITORA EXECUTIVA E
JORNALISTA RESPONSÁVEL

Daniele Moura
(Mtb 24422/RJ)

EDITORES

Edu Carvalho

Tamyres Matos

(Mtb 32434/RJ)

COORDENADORES DE
DISTRIBUIÇÃO:

Arthur Viana

Henrique Gomes

Luiz Felipe de Oliveira
Bacelar

DISTRIBUIDORES:

Antônia Valéria Lins e Silva

Cristiane dos Santos

Jonathan Ribeiro Da Cruz

Lucas Frederico Brandão

Leonardo da Silva

Marcela Ferreira Silva Gomes

Marcelo Sergio Silva Braz

Pedro de Oliveira

Valdemir Gomes da Cunha
Júnior

COLABORARAM NESTA
EDIÇÃO

Data_Labe
Edu Carvalho
Gracilene Firmino
Hélio Euclides
(Mtb 29919/RJ)

Tamyres Matos
(Mtb 32434/RJ)

FOTOGRAFIA

Douglas Lopes
Matheus Affonso

REVISÃO

Julia Marinho

PROJETO GRÁFICO

Mórula_Oficina de ideias

DIAGRAMAÇÃO

Filipe Almeida

IMPRESSÃO

Parque gráfico da Infoglobo

TIRAGEM

40 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO
REPRESENTAM A OPINIÃO
DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO
DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA
A FONTE.

Acompanhe o **Maré de Notícias** na internet!



@maredenoticiasoficial



@maredenoticias



@MareNoticias



(21) 97271-9410



contato@maredenoticias.com.br



www.mareonline.com.br

GARANTA O SEU JORNAL!

O Maré de Notícias é entregue de porta em porta nos 47 mil domicílios das 16 favelas da Maré. Se por acaso não chegar na sua casa, avise-nos pelo WhatsApp (21) 97271-9410, via redes sociais (@maredenoticias) ou ainda pelo email contato@maredenoticias.com.br e confira se na associação de moradores de sua favela não tem um exemplar para você. Ajude-nos a melhorar nossa distribuição! Contamos com todos os mareenses!

Maré ganha Casa da Diversidade

O novo espaço de acolhimento e mobilização leva o nome da ativista local Gilmara Cunha, fundadora do Grupo Conexão G

HÉLIO EUCLIDES

Moradores da Maré se encontraram no fim de setembro para a inauguração de um Centro de Referência da Cidadania LGBT, na Nova Holanda — o primeiro instalado numa favela do Rio de Janeiro. A unidade, ligada ao programa estadual *Rio Sem LGB-Tfobia*, conta com serviços de apoio à população LGBTQIA+ para garantir e promover cidadania e acesso aos direitos devidos. Haverá atendimentos gratuitos com profissionais como advogados, psicólogos e assistentes sociais.

A Casa da Diversidade de **Gilmara Cunha** leva o nome da ativista LGBTQIA+ e fundadora do Grupo Conexão G. Na abertura do centro, Gilmara ressaltou a importância de receber a homenagem em vida. “Tenho uma história de amor por essa população mais esquecida. Comecei distribuindo preservativos no ponto de prostituição do outro lado da Maré. A luta começou há 15 anos e agradeço à Redes da Maré que sempre apoiou o nosso tra-

balho. O que ocorre hoje é a conquista de um olhar para os mais vulneráveis, um grupo que precisa ser visto e reconhecido e o Estado vem apoiar”, disse ela.

A vereadora carioca **Mônica Benício** esteve na abertura do centro. A companheira de Marielle Franco afirmou estar emocionada, especialmente depois de viver uma simbólica derrota política. “Tentei incluir no calendário da cidade o Dia da Visibilidade Lésbica, mas a proposta não foi aprovada por dois votos. O ingrato é que temos o Dia da Pipa mas não conseguimos algo tão relevante por causa de pessoas que não aprovam os nossos corpos e têm medo da nossa visibilidade”, disse. Para ela, a escolha da Maré não podia ser mais significativa, pois foi o local onde passou a maior parte da vida.

Uma pesquisa da organização de mídia Gênero e Número, com o apoio da Fundação Ford e divulgada pela Fundação Fundo Brasil em 2018, revelou que 51% das pessoas LGBTQIA+ dizem ter sofrido algum



Maré é o primeiro conjunto de favelas no Brasil a inaugurar o Centro de Cidadania LGBT tipo de violência motivada pela sua orientação sexual ou identidade de gênero: em 94% dos casos elas foram verbais e em 13%, agressões físicas.

De acordo com a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), o Brasil ocupa o 1º lugar no ranking mundial de países que mais matam pessoas trans e travestis. Os dados obtidos pelo Dossiê LGBT+ 2018, coletados e analisados pelo Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro (ISP-RJ), apontam que, a cada 24 horas, uma pessoa é vítima de LGB-Tfobia em nosso estado.

Os Centros de Referência da Cidadania LGBT são uma iniciativa estadual do Programa *Rio Sem LGB-Tfobia*, da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e Direitos Humanos do Rio de Janeiro. “Esse centro marca uma luta em defesa do território. Entendemos que muitas vezes a pessoa não tem R\$ 10 para ir ao centro da cidade conseguir

apoio. Aqui, teremos uma equipe completa à disposição para o atendimento”, garante **Luciana Martins Calaça**, subsecretária de estado da Promoção, Defesa e Garantia dos Direitos Humanos.

Já existem outros equipamentos semelhantes, tanto no Rio (na Central do Brasil) como em Niterói, Queimados, Volta Redonda, Nova Friburgo, Arraial do Cabo, Miguel Pereira, Macaé e Caxias. “Meu papel é ser um facilitador das políticas públicas. O importante é um atendimento no qual nos coloquemos no lugar do outro. Precisamos potencializar e fazer justiça. Temos que levar justiça para que a voz de todas e todos seja ouvida”, diz o secretário de estado de Desenvolvimento Social e Direitos Humanos, **Matheus Quintal**.

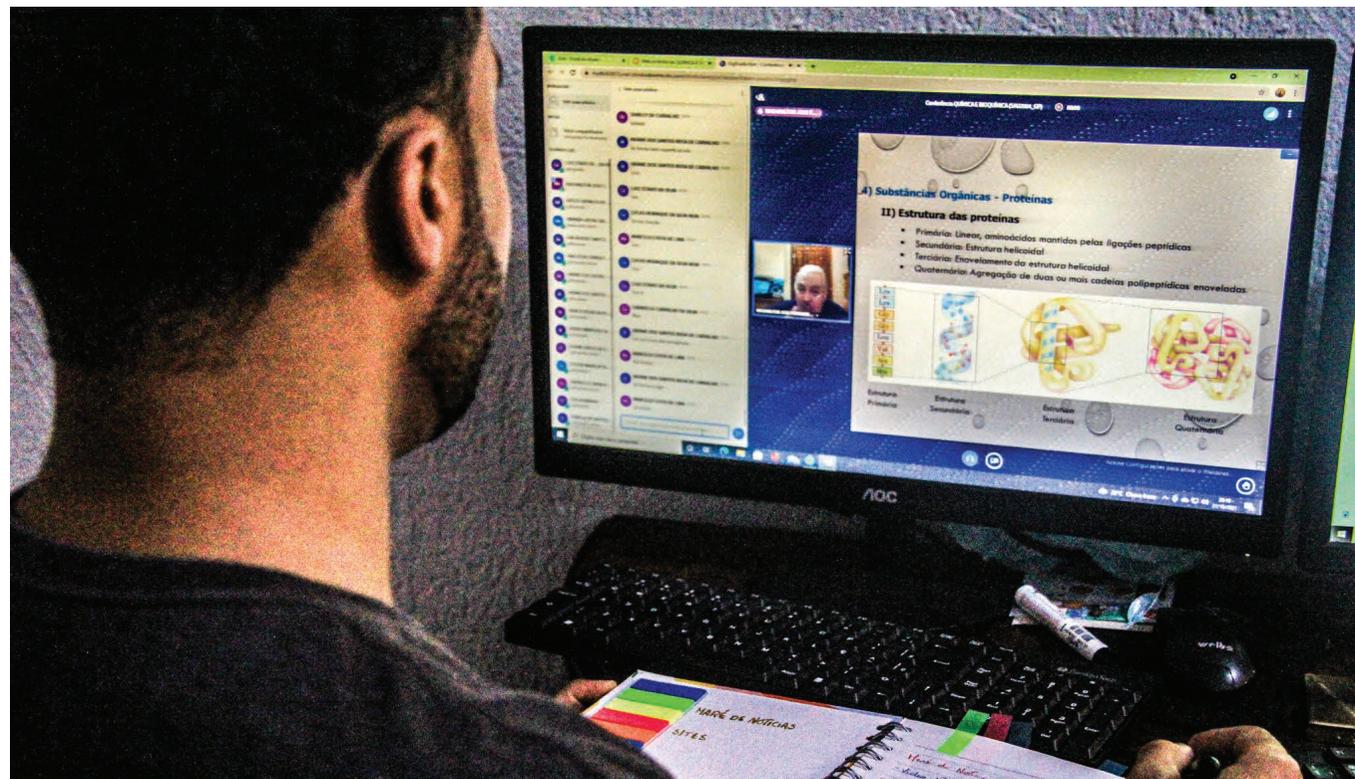
A Casa da Diversidade Gilmara Cunha funciona de segunda a sexta, das 9h às 18h, na Rua Marcelo Machado, nº 51, Nova Holanda.



Casa da Diversidade Gilmara Cunha funciona de segunda a sexta, das 9h às 18h, na Nova Holanda

Desafios do Enem em meio à pandemia

Estudantes contam com a ajuda de pré-vestibular comunitário como o Rede de Saberes



MATHIEUS AFFONSO

Desafios do período do vestibular foram multiplicados com as limitações do ensino remoto. Na foto, estudante assiste a videoaula de biologia

GRACILENE FIRMINO

O acesso ao ensino superior ainda é privilégio de poucos. Seja por conta de um sistema escolar que oferece um ensino deficiente ou pela necessidade de ingressar cedo no mercado de trabalho para ajudar a família a pagar as contas, muitos jovens pobres e periféricos não conseguem realizar o sonho, muitas vezes nascido ainda na infância, de conquistar o diploma universitário. Mas, mesmo diante das restrições de uma pandemia ainda em curso, esses estudantes escolhem seguir.

Lucas Alves, de 17 anos, é um deles. Morador da Vila do João, ele vai encarar pela primeira vez o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem): “Quero cursar biologia. Provavelmente, para ser professor. Estudar em meio à pandemia foi difícil, com as aulas remotas e tudo o mais. Gosto de fazer anotações durante as aulas do pré-vestibular para me

aprofundar depois.” Lucas acredita que sua preparação trará bons resultados. “Isso é algo que não consigo definir, mas acredito que terei um resultado minimamente positivo nas provas. Essa é a primeira vez que vou fazer o exame; se falhar, planejo fazer novamente”, diz.

O rapaz, que também já pensou em ser matemático, conta que o pré-vestibular Rede de Saberes o ajudou bastante. “Por estar em casa, tenho que ter o triplo de motivação para conseguir o mesmo resultado que no presencial, por conta da diferença de foco, ambiente e energia. O curso preparatório ensinou conteúdos que não aprendi na escola. Gostei bastante”, conta.

Natali dos Santos, também de 17 anos, vai participar do Enem pela primeira vez e, assim como Lucas, fez parte do Rede de Saberes. “O processo de estudos é mais difícil por ser online; nem sempre a conexão com a

internet está boa”, conta. A jovem moradora da Nova Holanda fala sobre o sentimento de insegurança. “Nunca fiz o Enem e, apesar de estar fazendo o pré-vestibular no Rede, sinto que poderia estar mais preparada. A pandemia me afastou dos estudos, tive muitas incertezas”, relembra.

Rede de Saberes

O pré-vestibular Rede de Saberes, pioneiro na Redes da Maré, foi o primeiro projeto que a instituição desenvolveu e acumula mais de 20 anos

de atuação no território. “O projeto tem como objetivo aumentar o nível de escolaridade dos moradores da Maré, oferecendo aulas de segunda a sexta no período da noite, para atender aos trabalhadores também. O pré também se preocupa com a formação social dos moradores do território. Então, desenvolvemos algumas ações para ampliação do pensamento crítico, voltado para questões sociais, econômicas e políticas, priorizando a diversidade e a defesa dos direitos humanos”, explica

Luana Vieira da Silveira

assistente social e coordenadora do curso pré-vestibular da Redes.

Nascida na Maré e tendo passado parte da infância na Nova Holanda, Luana compartilha sua percepção sobre as necessidades dos estudantes da Maré. “Diferentemente dos outros anos, em 2021 contamos com uma parceria com a L’Oréal, que nos permitiu oferecer, além do Rede de Saberes, um pré-vestibular voltado ao acesso das mulheres ao ensino superior. O que os alunos mais comentam sobre as dificuldades de

MATHIEUS AFFONSO



LISTA DE CUIDADOS PARA O DIA DA PROVA

Uma das coisas que mais influencia no desempenho do estudante durante a avaliação é seu estado emocional. É claro que a preparação conta - e muito, inclusive para manter a calma -, mas o excesso de ansiedade pode ser muito prejudicial a quem vive esse período cheio de cobranças. O Maré de Notícias separou algumas dicas para que o vestibulando viva esse momento com o máximo de tranquilidade possível.

- ✓ Conheça bem o caminho da sua casa até o local da prova;
- ✓ Vista-se com roupas confortáveis, o tempo de realização do exame é longo e a maratona é cansativa;
- ✓ O recomendado é chegar uma hora antes do início da prova, especialmente para evitar aglomerações e sustos. Pode parecer muita antecedência, mas é sempre importante contar com imprevistos;
- ✓ Deixe separado tudo o que vai precisar levar. Os itens obrigatórios são: caneta preta feita de material transparente - separe pelo menos duas -, documento de identidade com foto, número da inscrição (decorado ou anotado);
- ✓ Prepare seu kit de cuidado e sobrevivência: garrafa d'água, lanchinho e álcool em gel;
- ✓ Não esqueça que vai precisar da máscara;
- ✓ Fique atento às orientações dos fiscais, especialmente no que diz respeito ao celular, que deve ser desligado e lacrado em uma embalagem que será cedida durante o exame;
- ✓ Por último, lembre-se de respirar. No meio da correria, a pressão da prova pode atrapalhar nas coisas mais simples e influenciar no nervosismo. Respire fundo e boa sorte!

prestar o Enem é sobre a preparação”, diz.

Segundo ela, o ensino remoto ainda é um grande desafio para alunos e instituições. “Estudar em casa implica ser interrompido por parentes ou ter problemas com a conexão de internet, e isso se traduz em insegurança em relação à prova. Há relatos também de crises de ansiedade e medo. Ano passado, as atividades já ocorreram de forma remota, o que trouxe experiência para este ano, mas ainda existem muitas dificuldades. Além dos problemas de acesso à internet, os alunos não têm o equipamento necessário ou mais confortável, como um notebook, para assistir às aulas. Esse tem sido nosso maior impasse: atingir os alunos de forma remota.”

Luana ainda aponta o abandono dos estudos como outra consequência cruel da pandemia: “A evasão escolar aumentou muito, e quando buscamos identificar a razão, vimos que ela é causada pela necessidade do jovem ingressar no mercado de trabalho, que também

cresceu.” Ela ainda acrescenta que a rotina de trabalho mudou. “A adaptação às aulas online foi complicada. Atendemos um público diverso, sem restrição de faixa etária, e nem todos conseguiram se adaptar. Mas, mesmo diante dos problemas do ano passado, tivemos um bom número de aprovados. Foram 21 alunos que conseguiram acessar o ensino superior”, conta Luana.

Para assistir às aulas do Rede de Saberes é preciso estar atendo ao prazo das matrículas. “As inscrições vão do fim de novembro, início de dezembro no máximo, até janeiro, por meio de um link que disponibilizamos. Divulgamos nas redes sociais da Redes da Maré e também nas ruas e em escolas”, diz Laura. Para participar, basta ter concluído o ensino médio ou estar no último ano e ser morador da Maré. “Antes da pandemia, fazíamos uma entrevista com os interessados; agora, disponibilizamos um espaço na ficha de inscrição para o candidato falar sobre seu interesse em fazer

parte do projeto. Avaliamos disponibilidade e interesse na seleção”, explica a coordenadora.

Um caminho para o ensino superior

O Enem foi instituído em 1998 com o objetivo de avaliar o desempenho escolar dos estudantes. Em 2009, o exame mudou sua metodologia e passou a ser utilizado como mecanismo de acesso à educação superior. Desde o ano passado, devido à pandemia, o participante pode escolher entre fazer o exame impresso ou o Enem Digital, com provas aplicadas em computadores, em locais definidos pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). As notas do Enem podem ser usadas para o estudante acessar o Sistema de Seleção Unificada (Sisu) e ao Programa Universidade para Todos (ProUni). Elas também são aceitas em mais de 50 instituições portuguesas de educação superior. Os participantes do Enem ainda podem se candidatar ao financiamento estudantil oferecido por programas do governo, como o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies).

Qualquer pessoa que já concluiu o ensino médio ou está no último ano pode fazer as provas de acesso ao ensino superior, que são aplicadas em dois fins de semana. Este ano, o Enem será realizado nos dias 21 e 28 de novembro, com 180 questões objetivas e uma redação dissertativa-argumentativa.

Em 2021, o exame teve 3.109.762 inscrições, o menor número desde 2005 — uma queda de quase três milhões de candidatos, em comparação a 2020, principalmente entre alunos de escolas públicas (31%) e negros (52%). Depois de o Supremo Tribunal Federal (STF) determinar que o Ministério da Educação (MEC) mantivesse a isenção do pagamento da taxa de inscrição para quem faltou à edição do ano passado por conta da pandemia de covid-19, o número de candidatos aumentou em 9%, com 280.145 novos inscritos — estes farão as provas em 9 e 16 de janeiro de 2022, mesmo período que os adultos privados de liberdade e jovens cumprindo medida socioeducativa (Enem PPL).

Embaixadores da Maré

Quatro moradores da Maré protagonizam a busca por melhorias do saneamento básico

VINICIUS LOPES

Edição: Fred Di Giacomo

Arte: Nícolas Noel

data_
labe

Por quatro meses, moradores se empenharam em registrar queixas referentes ao saneamento básico nas 16 favelas do território. Essa ação, coordenada pelo Cocôzap, uma tecnologia social da organização data_labe, tem como objetivo gerar dados sobre saneamento básico nas 16 favelas da Maré — do Conjunto Esperança ao Marcílio Dias.

Conhecidos como "Embaixadores Cocôzap", quatro moradores dos territórios formaram o time que, na primeira fase, registrou as reclamações sobre saneamento em quatro grupos de favelas, escolhidas a partir da relação dos voluntários com esses locais. Os embaixadores são moradores das favelas da Maré, que rodam pelo território desde que nasceram, e por isso sabem como a falta de saneamento afeta a vida das pessoas. Já na segunda fase do projeto, que começa agora, os embaixadores vão contatar novamente os moradores que relataram os problemas para averiguar se estes foram resolvidos e, em caso positivo, quando e quem foi o responsável.

Quem são os "Embaixadores Cocôzap"?

Matheus Albuquerque tem 21 anos. Nascido e criado na Nova Holanda, é estudante de Sistemas de Informação na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Entre as análises de dados e a fotografia, Matheus encontra tempo para se dedicar às questões de saneamento da Maré.

Elenice Lopes tem 38 anos, é nascida e criada no Parque Maré e, atualmente, mora no Conjunto Esperança. Cozinheira de mão

cheia, ela atua como embaixadora nas comunidades Vila do João, Salsa e Merengue, Vila dos Pinheiros e Conjunto Esperança. Para Elenice, um dos maiores aprendizados foi perceber as desigualdades dentro do próprio território.

Wanderson Lira tem 28 anos; cria da Roquete Pinto, é engenheiro ambiental e aspirante a engenheiro de dados. Além de trabalhar com projetos socioambientais na Maré, ele atua como estagiário de análise de dados na Petrobras. Dentro do Cocôzap, Wanderson é responsável pelas comunidades Roquete Pinto, Piscinão de Ramos e Marcílio Dias, e já consegue perceber alguns efeitos do seu trabalho.

Juliana Machado tem 28 anos e é nascida e criada no Morro do Timbau. Pedagoga por formação, atualmente é uma das coordenadoras do projeto *Luta Pela Paz* e mobilizadora territorial em pautas sobre juventude e meio ambiente. Dentro do Cocôzap, é responsável pelo mapeamento do Morro do Timbau, da Baixa do Sapateiro, do Conjunto Bento Ribeiro Dantas e da Nova Maré. Juliana tem grandes expectativas.

O Cocôzap

Alguns dos problemas mais comuns encontrados nos territórios — como esgoto a céu aberto, bueiros entupidos, alagamentos e acúmulo de lixo e entulho nas ruas — são históricos na região. Mesmo assim, percebe-se que os dados disponíveis não representam a realidade da Maré. Por isso, o Cocôzap recolhe queixas de saneamento, que entram em uma base de dados do projeto que, futuramente, será utilizada para

reivindicar os direitos dos moradores dos territórios.

Além da geração de dados, o Cocôzap também atua em frentes de educação ambiental e incidência política, promovendo o *Encontro de Saneamento da Maré* em parceria com o Maré Verde e a Redes da Maré, buscando levantar o debate e mostrar a importância de se falar sobre saneamento básico nos territórios. Nas últimas quatro edições, o encontro teve não apenas a participação dos moradores como também de representantes da Comlurb, da Cedae, do Ministério Público do Rio de Janeiro e de outros especialistas no assunto.

Saneamento básico e seguro (assim como o direito à água e ao saneamento, independentemente de raça, gênero ou CEP) é um direito constitucional, garantido pela Lei 11.445/2007, e além de ser um dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (ODS/ONU), do qual o Brasil é signatário.

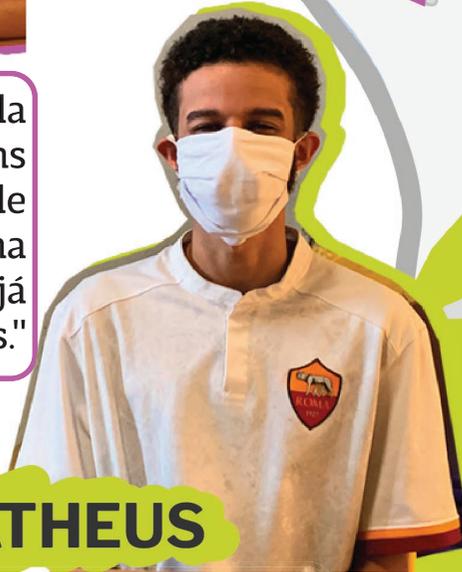
Porém, infelizmente, esse direito não é respeitado nas favelas. Os embaixadores do Cocôzap registraram, entre abril e o início de setembro, 223 queixas de saneamento básico. A maioria das reclamações está relacionada a problemas de esgoto, seguida por acúmulo de lixo e entulho. A favela com mais queixas de saneamento básico até o momento é a Baixa do Sapateiro, com 36 queixas, enquanto os moradores do Conjunto Esperança relataram apenas dois problemas.

Está com problema de saneamento perto de casa? Manda pra gente! Você pode enviar sua queixa pelo WhatsApp, pelo número (21) 99957-3216.



WANDERSON

"Já vejo uma movimentação da comunidade para resolver alguns problemas que registrei. Pude acompanhar, por exemplo, uma obra de reparação de esgoto que já estava transbordando ali há meses."



MATHEUS

"Tenho me tornado mais crítico em relação a problemas de saneamento que são visíveis e recorrentes em nossas comunidades, mas que, no geral, tratamos como normal por convivermos com eles e justamente pela falta do exercício dos nossos direitos."



JULIANA

"Espero encontrar menos problemas nas próximas rotas, pois isso reflete em qualidade de vida aos moradores da Maré, que já enfrentam muitas outras batalhas em suas vidas."



ELENICE

"Com o passar do tempo fui entendendo mais o que é saneamento, e nessas caminhadas eu tenho visto como é gritante a diferença de um lugar para o outro. Tem lugares que os moradores sofrem muito mais com o lixo e o esgoto nas ruas".

Área alcançada pelos embaixadores cocôzap

- WANDERSON
- MATHEUS
- JULIANA
- ELENICE



O que mudou após as denúncias das *Cartas da Maré*?

Continuidade da violência e pandemia afetam crianças e adolescentes

GRACILENE FIRMINO

Em agosto de 2019, a Redes da Maré reuniu e entregou à Justiça mais de 1.500 cartas e desenhos de crianças do conjunto de favelas pedindo paz e respeito. O material estava acompanhado de uma petição para que fosse restabelecida uma Ação Civil Pública (ACP), aceita na Justiça em 2017, que restringia as operações policiais na região e que havia sido suspensa em junho de 2019. Dois anos depois, as crianças mudaram, mas as violações de direitos persistem.

Algumas dessas crianças são hoje adolescentes, e essa faixa etária é uma das que mais são afetadas pela violência. Segundo levantamento feito pelo Instituto Fogo Cruzado, três adolescentes foram baleados por mês em 2021, na Região Metropolitana do



Agatha Mirian, de 12 anos, e Joycy Dayana, de 15, ao lado da mãe Vanir. Adolescentes participaram da iniciativa dois anos atrás

Rio. Os números, colhidos no período entre 1º de janeiro e 21 de setembro, mostram que 30 jovens foram vítimas de arma de fogo no Grande Rio. Deses, 10 morreram.

Alessandra Larissa de Campos, de 17 anos, Joycy Dayana de Campos, de 15

anos, e Agatha Mirian de Campos, de 12, participaram do projeto *Cartas da Maré* e, assim como na infância, ainda se sentem inseguras na adolescência. "Em relação à segurança, não mudou muito desde que elas escreveram as cartas. Agora, elas já são adolescentes e, por causa da pandemia, ficam mais em casa mas, mesmo assim, se apavoram quando tem tiroteio. Nada mudou. Elas acreditam que muita coisa tem que mudar sobre a questão da violência. Estão sem aulas, isoladas e vivendo em uma situação que pode trazer risco à vida delas", conta **Wanir Campos**, responsável pelas adolescentes.

Saúde mental abalada

"Um dia eu estava no pátio da escola fazendo educação física. De repente, o helicóptero passou dando tiro para baixo. Todo mundo correu para o canto da arquibancada. Quando passou o tiro, a gente correu para dentro da escola até minha mãe me buscar. Quando deu mais tiro, eu

estava em casa"; "O ruim das operações nas favelas é que não dá para brincar muito. E também morrem moradores nas comunidades. Também têm muita violência"; "Eu não gosto do helicóptero porque ele atira para baixo e as pessoas morrem": essas são apenas algumas das frases escritas pelas crianças em 2019 nas *Cartas da Maré*. Na época, a situação nos territórios era alarmante.

Em boletim semestral publicado naquele ano, a Redes da Maré mostrou que 27 pessoas morreram apenas no primeiro semestre de 2019, 10% a mais que ao longo de todo o ano de 2018, quando 24 pessoas foram mortas: 15 pessoas morreram nas 21 operações policiais e outras 12, durante os dez confrontos entre facções da região. O mesmo boletim também informou que as escolas e os postos de saúde suspenderam suas atividades por dez dias por causa de tiroteios. O número foi o mesmo em 2018. Já em 2017, antes da Ação Civil Pública, as

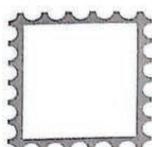
PARA:

À Presidência do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Exmo. Sr. Des. Claudio de Mello Tavares

O Ouvidor do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Exmo Sr. Flavio Citro Vieira de Mello

A Juíza Titular da 6ª Vara de Fazenda Pública
Exma. Sra. Dra. Regina Lúcia Chuquer de Almeida Costa de Castro Lima

Aos Exmos. Srs. Desembargadores
da 2ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro



O QUE VOCÊ GOSTARIA DE DIZER AOS JUÍZES SOBRE O FIM DA AÇÃO COLETIVA DOS MORADORES DA MARÉ?

~~EU NÃO GOSTO~~ EU NÃO GOSTO DO HELICÓPTERO
TERO PODER ELE ATIRA BOMBA E AS
PESSOAS MORREM?
MINHA CASA ISSO É ERRO



IMPACTO DAS OPERAÇÕES POLICIAIS NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2016 A 2021

	2016	2017	2018	2019	2020	2021	TOTAL
Operações Policiais	15	20	09	23	12	07	86
Mortes	05	15	10	15	05	08	58
Dias sem aula	13	15	05	09	03	01	49
Dias sem atendimento nas unidades de saúde	07	19	06	10	06	07	55
			ACP NA MARÉ		ADPF E PROIBIÇÃO DAS OPERAÇÕES		

Mesmo com a proibição durante a pandemia, operações policiais seguiram acontecendo na Maré

crianças ficaram sem aula durante 35 dias e os postos de saúde somaram 45 dias fechados. Em 2017, 41 operações policiais foram realizadas.

Yasmin Holmer, de nove anos, fala do que mais sente falta por estar vivendo tanto a violência social como a da pandemia de covid-19. “Doida pra estudar e brincar principalmente. Mas mesmo sem pandemia nem sempre dá para brincar na rua, me sinto muito mal.” Quando perguntada sobre o que desejaria para o lugar onde mora, a menina é sincera. “Pois é... Às vezes, sinto vontade de ir embora daqui. Mas, ao mesmo tempo, não quero sair daqui por causa da escola e dos amigos.”

Fim das operações na pandemia

A ACP que passou a valer nos territórios em 2017 ajudou a diminuir todos os índices de violência ao longo de mais de um ano, mas acabou suspensa em junho de 2019. Diante do apelo dos moradores, a ação foi revalidada, restabelecendo parâmetros mínimos para as ações, como a exigência da presença de uma ambulância e o veto a operações durante o horário de entrada e saída de alunos das escolas.

Por conta do alastramento da covid-19 pelo

planeta, em junho de 2020 o ministro Edson Fachin, do Supremo Tribunal Federal (STF), determinou a proibição de operações policiais nas favelas do Rio de Janeiro durante a pandemia causada pelo novo coronavírus. Segundo Fachin, as ações somente podem acontecer em hipóteses consideradas excepcionais e devem ser sempre justificadas por escrito pela autoridade competente — determinação que não vem efetivamente sendo cumprida.

Violência contínua

Segundo o *Boletim Direito à Segurança Pública na Maré*, que traz dados sobre as dinâmicas da violência no território, no primeiro semestre de 2021 ocorreram sete operações policiais que provocaram oito mortes e sete dias sem atendimento médico nas unidades de saúde.

A pesquisa *Construindo Pontes* mostra que pessoas em situações de violência são mais vulneráveis ao sofrimento mental. Segundo o estudo, o medo de que alguém próximo seja atingido por arma de fogo chega a 71%. Estresse pós-traumático, ansiedade, depressão e tentativas de suicídio são alguns dos transtornos frequentes. A pesquisa pioneira foi liderada pela organização inglesa People’s Palace Pro-

jects e pela Redes da Maré e ouviu, entre 2018 e 2020, 1.411 moradores acima de 18 anos dos territórios.

Esperança

Rayssa e Rayane Fagundes Sampaio, gêmeas de 14 anos, falam sobre felicidade, apesar de reconhecerem o quanto são expostas à violência. “Sobre mudanças na Maré desde que escrevemos as cartas, não vemos muitas. A violência não mudou em nada, ao meu ver até piorou. Mas eu estou bem, graças a Deus, principalmente de saúde. Já tomei a primeira dose da vacina e estou muito feliz por isso. Apesar da minha vida não ter melhorado muita coisa, sou grata a Deus pela minha saúde e da minha família”, conta Rayane.

As irmãs fazem parte do projeto *Nenhum a menos*, desenvolvido na Lona Cultural da Maré Herbert Vianna, onde participam de diversas atividades. “Lá, nós fazemos danças, aula de música e de circo, capoeira e robótica. Mas, por conta da pandemia,

está tudo parado. Sentimos muita falta. As aulas nos ajudavam muito e nos mantinham ocupadas; a gente se sentia muito bem lá. Agora, ficamos mais em casa. Não vejo a hora da pandemia acabar pra tudo voltar ao normal. As aulas voltaram mas ainda não estão 100%, não são todas as semanas nem todos os dias que tem aula. É muito ruim ficar só em casa, me sinto chateada e muito presa. Gostaria de poder estar saindo, encontrando mais com os meus amigos e outras coisas assim; me faria muito bem”, diz Rayssa.

E ela deixa um recado ao Estado, como há dois anos. “Querida dizer para os nossos governantes de modo geral que prestem mais atenção nas nossas comunidades, na classe pobre, nas escolas da Maré. As aulas voltaram e nós crianças e adolescentes não temos nem alimentação na escola e, quando temos, é de péssima qualidade. Nós merecemos mais.”

PARA:

À Presidência do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Exmo. Sr. Des. Claudio de Mello Tavares

O Ouvidor do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Exmo Sr. Flavio Citro Vieira de Mello

A Juíza Titular da 6ª Vara de Fazenda Pública
Exma. Sra. Dra. Regina Lúcia Chuquer de Almeida Costa de Castro Lima

Aos Exmos. Srs. Desembargadores
da 2ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro



O QUE VOCÊ GOSTARIA DE DIZER AOS JUÍZES SOBRE O FIM DA AÇÃO COLETIVA DOS MORADORES DA MARÉ?

Um dia eu tava na escola me ratio fazendo educação física ai de repente o helicóptero passou dando tiro para baixo ai todos mundo correu para o canto da orquibranca da ai quando passou o tiro a gente correu para dentro da escola até a minha mãe me abraçou ai eu fui para casa com ela. quando deu mais tiro eu tava em casa.

‘Eu amo minha rua’

A valorização do local onde o individual e o coletivo se encontram

HÉLIO EUCLIDES

“**N**asci na Rua da Praia/ que de praia não tem nada/ é chão de terra batida/ e muito menos calçada/ Era barraco de madeira/ vala e palafita a minha morada. Esse é o refrão da música que retrata a infância de **Roberto Felinto**, conhecido como Pacol, compositor e cantor, morador da Vila dos Pinheiros. Ao escrever a letra de *Rua da Praia*, o autor presta uma homenagem à rua na qual deu seus primeiros passos, aprendeu a brincar e depois, a lidar com as dificuldades. Esse pertencimento ao lugar onde se nasceu e cresceu é a característica de muitos mareenses que não esquecem o lugar de onde vieram ao mundo e lutam por ele.

Até os anos 1980, muitos logradouros da Maré eram conhecidos apenas por números e letras. Em 1985, a Associação de Moradores de Nova Holanda liderou uma campanha para que cada rua ganhasse nome, levando em conta a identidade local. Este ano, mais seis ruas, num espaço ao lado da Divisão da Comlurb, foram nomeadas. Esta ação, idealizada pelo projeto *Minha História, Minha Rua: O Direito ao Endereço da População da Maré*, contou com a parceria com os moradores da Praia de Ramos, de Roquete Pinto, da Vila dos Pinheiros e da Baixa do Sapateiro.

Outro movimento que envolveu o nome das ruas foi divulgado na edi-

MATHEUS AFFONSO



Placa da antiga Rua João Severino, que agora será Rua Zaira Moreira de Souza, nome de um dos moradores homenageados durante o rebatismo

ção 64, do Maré de Notícias de julho de 2015, com a chamada *Nossas Ruas Reconhecidas*. O texto mostrava os procedimentos para a regulamentação dos logradouros e afirmava que as ruas que tinham nomes repetidos seriam rebatizadas.

Amanda Ventura, moradora da Nova Holanda, participou da primeira reunião da Secretaria Municipal de Urbanismo para o processo de troca de nome das ruas da favela. “No início não gostei da proposta, assim como moradores antigos que diziam que os

nomes eram significativos, mas depois compreendi e me engajei na mobilização. Bati de porta em porta levando três nomes para a escolha. Mas ficamos sem receber uma resposta sobre o resultado final”, diz.

Moradores reclamam que surgiram problemas com a mudança nos nomes das ruas da Nova Holanda. Segundo **Amanda Baroni**, a Prefeitura mudou automaticamente o endereço no seu alvará, divergindo do CNPJ. “Tive que mudar o meu endereço para o de um familiar em outro bairro, para tentar resolver. Antes já existia incompatibilidade de CEP: tem lugar que é Rua Um e em outros, Rua São Luiz”, conta.

A importância de uma rua

Becos, travessas, ruas – não importa o tamanho da via: o valor é o mesmo para o morador. A Rua Teixeira Ribeiro, no Parque Maré, é um polo do comércio na Maré, mas para **Adriana Sena** é mais do que isso: é onde fica sua casa. “Morar na Teixeira é ir do céu ao inferno. Temos um excelente comércio e nossa querida feira. Porém, convivemos com esse movimento diariamente, muito barulho. Também é necessário desobstruir as calçadas, pois infelizmente o comércio se apropria de todas e o pedestre acaba sendo obrigado a andar pelo meio da rua”, diz.

A lei federal nº 6.454, de 1977, só



MATHEUS AFFONSO

Dona Rita Ribeiro afirma que gosta de morar na antiga Rua das Rosas, que foi rebatizada de Rua Carlos Alexandre Lopes da Silva

Mudança de nomes

A **Secretaria Municipal de Habitação** informou que diversas áreas da Maré já foram contempladas com o reconhecimento de logradouro. Entre elas: Baixa do Sapateiro, Nova Maré, Praia de Ramos, Parque União, Nova Holanda, Vila do João, Parque Rubens Vaz, Morro do Timbau e Bento Ribeiro Dantas. Segundo a pasta, as localidades de Parque Roquete Pinto e Parque Maré ainda estão com o processo em andamento.

A SMH lembra que, ainda que não tenha ingerência sobre o procedimento de atribuição de CEP (essa é uma responsabilidade dos Correios), aciona a instituição com regularidade a fim de que o processo seja agilizado. A pasta ainda informou que, a partir do reconhecimento do logradouro e da definição do CEP da via, os moradores terão, entre outros benefícios, a possibilidade de receber correspondências e entregas diretamente em suas residências.

A **Secretaria Municipal de Planejamento Urbano** informou que desenvolve o trabalho de reconhecimento dos logradouros com a oficialização da sua nomenclatura, na cidade do Rio de Janeiro. Segundo ela, a Comissão Carioca de Logradouros e Equipamentos Públicos, que reúne representantes de órgãos municipais sob a coordenação da SMPU, realiza parte importante do processo, garantindo a definição de nomes que sejam únicos na cidade e que farão parte do conteúdo histórico do município.

MUDANÇAS NAS RUAS DA NOVA HOLANDA

Escaneie o QR Code abaixo com a câmera do seu celular para conferir a lista completa das mudanças das ruas da Nova Holanda no Maré Online. Ou se preferir, basta acessar: <https://mareonline.com.br/eu-amom-minha-rua>



RUA
OTAVIANO FRANCISCO

53

Placa da Rua Otaviano Francisco, que após atualização no Diário Oficial, recebeu a parte do nome do morador homenageado que faltava: da Silva

permite que pessoas que já morreram nomeiem vias públicas. Mas Marcílio Dias foge à regra e tem ruas com nomes de pessoas vivas: é o caso da Doutora Maria Cristina de Sá e do ex-presidente José Sarney. “Alguns nomes foram dados por moradores que, em sua maioria, já morreram ou se mudaram. Porém, há ruas que trazem memória, como a Rua João de Barro, que homenageia o projeto de construção de casas populares por meio de mutirão na favela. Também temos a religiosidade, com muitos nomes de santos, mas vale ressaltar a cultura nordestina, com a Rua Luiz Gonzaga”, destaca **Walmyr Junior**, professor, militante do Movimento Negro Unificado e o atual presidente da Associação de Moradores de Marcílio Dias.

Na Vila do João, a associação de moradores criou um projeto de mobilidade para a Rua Catorze: os Controladores de Trânsito. “No começo, os moradores achavam que era uma palhaçada, hoje falam que é maravilha. Nessa rua há muitas lojas e um bom número de ambulantes, o que acaba gerando um grande volume de carros estacionados. Era impossível transitar de carro. Agora, há quatro moradores que indicam o campo como local para estacionar e direcionam a descarga de mercadorias. Cuidamos da rua, que agora tem um fluxo correto”, explica **Valtemir Messias**, conhecido como Índio, presidente da Associação de Moradores da Vila do João.

ALGUMAS RUAS DA MARÉ E SUAS ORIGENS

- ✓ **Rua Teixeira Ribeiro:** homenagem a João Teixeira Ribeiro Junior, que iniciou a urbanização e o loteamento de Bonsucesso.
- ✓ **Rua Oliveira:** tem duas versões: a presença de uma grande árvore que existia na Baixa do Sapateiro e uma homenagem a um antigo comerciante chamado Oliveira.
- ✓ **Manoel Falcão A. Maranhão:** a antiga Rua Quatro do Conjunto Esperança teve o nome mudado para homenagear um brigadeiro da Aeronáutica.
- ✓ **Gerson Ferreira:** sargento, telegrafista e filho do engenheiro que urbanizou o bairro de Ramos.
- ✓ **Ary Leão:** delegado que circulava pelo Parque União.
- ✓ **Praia de Inhaúma:** foi o grande Porto de Inhaúma.
- ✓ **Dom Eugênio Salles:** cardeal que atuou com a Pastoral de Favelas em Marcílio Dias.
- ✓ **Guilherme Maxwell:** engenheiro e dono de propriedades em Bonsucesso, onde ajudou no batismo de várias ruas.
- ✓ **Largo IV Centenário:** antiga Rua União da Baixa do Sapateiro, teve o nome mudado para homenagear os 400 anos da cidade do Rio de Janeiro.

Onde você mora?



EDSON DINIZ

Edson Diniz é doutor em educação brasileira, professor de história, e fundador e diretor da Redes da Maré.

Não sei se você, amiga leitora e amigo leitor, já passou por experiência semelhante: lembro bem que, ao começar a procurar emprego, ainda com 14 anos, recebi o seguinte conselho de um vizinho: “Na entrevista, quando perguntarem onde você mora, diz que é em Bonsucesso. Não diz que mora na Maré e nem na Nova Holanda!” Fiquei intrigado, mas era muito jovem para entender o sentido real daquele conselho.

Descobri, mais tarde, que o conselho era uma forma de “driblar” o preconceito contra quem mora na favela, porque muitos empregadores evitavam contratar pessoas desses espaços. Hoje, a pergunta que me faço e faço a você caro leitor, cara leitora, é: por que aqueles que moram em favelas, desde que elas surgiram, sofrem com esse tipo de problema para conseguir emprego? em uma favela poderia ser um impedimento para alguém que

queira trabalhar?

Comecei a pesquisar um pouco mais e descobri que o problema tem a ver com certa “imagem”, construída ao longo dos anos, da favela e do favelado na cidade do Rio de Janeiro. O próprio termo “favelado” carrega infinitas interpretações negativas não só por parte da sociedade carioca como da brasileira, e que se acumularam e ainda produzem uma série de preconceitos.

Os dois mais comuns enfrentados são os que caracterizam quem mora nas favelas como “conivente com o crime” e “carente”. Aliás, é muito comum ouvirmos a favela sendo chamada de “comunidade carente” por aí.

No primeiro caso, veja você leitor ou leitora, há uma associação perversa entre favela e crime. Quem mora na favela, de acordo com essa visão, seria conivente com grupos criminosos e, por extensão, também “pessoas perigosas”. Daí a desconfiança na hora de dar emprego. É por isso também que muitos que adotam tal visão defendem um “maior controle” sobre as favelas, principalmente através das operações policiais como a que matou 27 pessoas no Jacarezinho ou as que sempre ocorrem na Maré, também com muita violência.

Já a ideia de que o favelado é uma pessoa “carente” é igualmente injusta. E embora, na maioria dos casos, as pessoas que têm essa visão reconheçam os problemas enfrentados nas favelas, no final, acabam por reproduzir preconceitos do mesmo modo que o grupo que vê a favela como o lugar do crime. Isso porque, amigos leitores, tal visão reduz os moradores das favelas a pessoas que precisariam ser “cuidadas” ou controlados por outras pessoas “mais esclarecidas”. Na verdade, chamar alguém de carente é reduzir a importância social dessa pessoa e não respeitá-la enquanto cidadã.

No fundo, quando se caracteriza a população das favelas como conivente com o crime ou carente, a ela é negado o direito à cidadania. Ou seja, o direito de ter acesso real a educação de qualidade, saúde, cultura e arte, política de segurança que preserve suas vidas, oportunidades no mundo do trabalho e reconhecimento de sua importância para a nossa sociedade.

Por isso, não podemos admitir que os moradores das favelas sejam vistos como perigosos ou carentes. Na verdade, o que existe são pessoas que sofrem os efeitos das enormes

desigualdades sociais, econômicas, culturais, étnico-raciais e de gênero, tão marcantes na sociedade brasileira.

Como você bem sabe, a favela é um lugar de vida, alegria, resistência e superação. Todos os dias, milhares de moradores desses territórios saem para estudar, trabalhar, rezar, se divertir, encontrar pessoas, produzir cultura e movimentar esta cidade. Isso tudo apesar dos muitos problemas e preconceitos, do racismo, da discriminação contra as mulheres faveladas, e de toda a sorte de dificuldades e obstáculos que encontram no caminho.

Por tudo isso, precisamos construir uma cidade mais justa e igualitária, onde as pessoas não sejam julgadas por seu lugar de moradia. Para tanto, temos que cobrar do Estado e seus diferentes níveis de governo, das instituições da sociedade civil e do mercado o reconhecimento de que a favela contribui para a cultura, a beleza e a riqueza do Rio de Janeiro.

Isso porque a favela é cidade! Cabe a nós, amiga leitora e amigo leitor, não deixarmos que ninguém se esqueça disso, para que nunca mais nenhuma pessoa que more numa favela tenha medo de dizer seu endereço em alto e bom som.

Arte acolhe familiares das vítimas na Maré

Memorial Covid faz parte do projeto *Azulejaria*, coordenado pela artista plástica Laura Taves

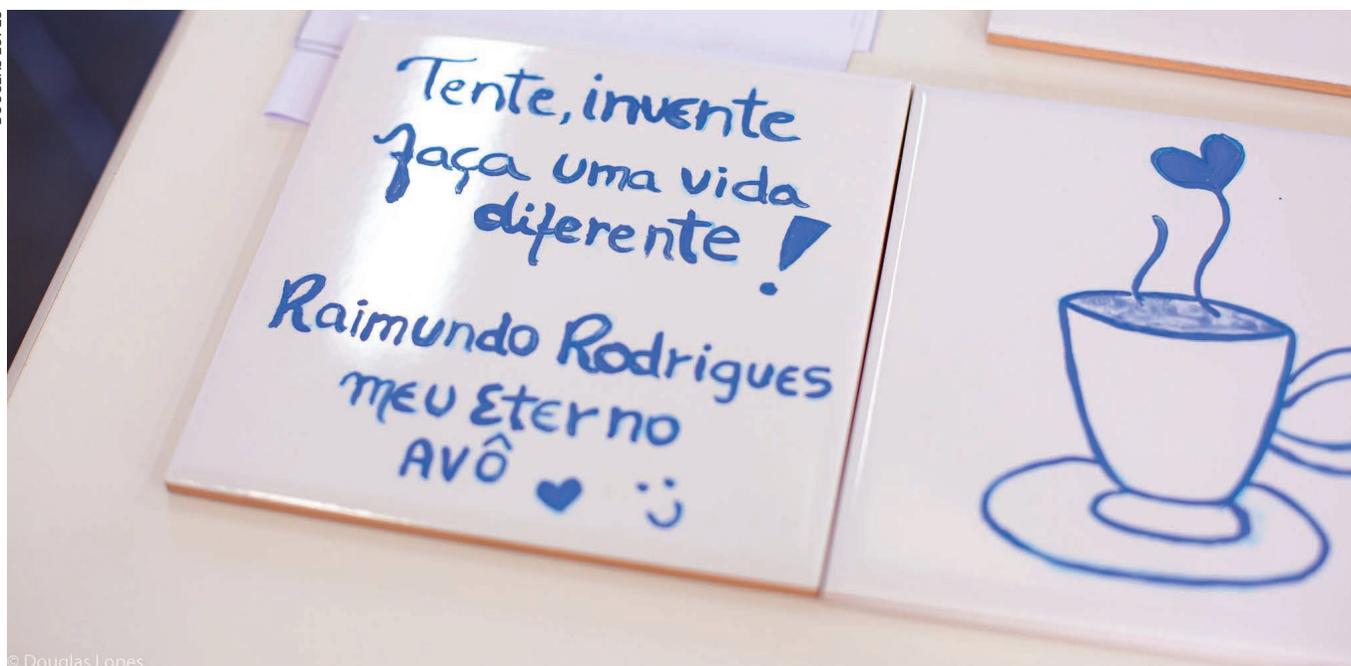
EDU CARVALHO E TAMYRES MATOS

Remontar a trajetória de um familiar, um parente, amigo ou conhecido por meio de um simples azulejo que, transformado em tela e unido a tantos outros, forma um grande mural de memórias afetivas. Assim é o *Memorial Covid*, projeto da Redes da Maré que faz da representação através das artes plásticas uma forma de lidar com o luto. No Brasil, são mais de 606 mil vítimas fatais da doença — a Maré chora e não esquece seus 373 moradores mortos desde o início da pandemia.

“A gente acredita que é preciso lembrar essas pessoas. Para preservar a memória delas, pensamos na construção do memorial. É importante marcar o que aconteceu na Maré neste período de pandemia”, diz **Patrícia Ramalho**, assistente social do Eixo Direito à Segurança Pública, uma das que coordenam a iniciativa junto à artista responsável pelo projeto *Azulejaria*, Laura Taves.

Patrícia registra o impacto causado pela disseminação do vírus no território, o que fez com que a população precisasse criar estratégias para não ser infectada, quando nem sequer o mais necessário tinha. “Muitos moradores não tiveram como suprir suas necessidades mais básicas, que dirá os materiais para prevenir a covid-19, como máscaras e álcool em gel, além dos artigos de limpeza. Mesmo agora, ain-

DOUGLAS LOPES



© Douglas Lopes

O luto por quem se foi transforma azulejos brancos em símbolo de resistência por meio do afeto no *Memorial Covid* da Maré

da temos locais com falta recorrente de água, primordial para o combate ao coronavírus”, enfatiza.

Neste sentido, Patrícia lembra a importância da campanha *Maré Diz Não ao Coronavírus*, da Redes da Maré, que distribuiu cestas básicas e equipamentos de proteção individual (EPIs) entre os moradores. Foi nesse momento que os encontros com quem perdera familiares e amigos começaram a ficar ainda mais frequentes, revelando a urgência de alguma ação que tocasse no tema.

“Convidamos os familiares das vítimas que se sentem à vontade a compartilhar memórias de seus entes queridos vitimados pelo vírus.” É na oficina de produção de azulejaria onde eles lembram o que as pessoas mais gostavam, citam

letras de música, comidas favoritas, um apelido carinhoso, uma lembrança. “É um momento de acolhimento e afeto”, diz a assistente social.

É assim para **Maria Daiane de Araújo Alves**, 30 anos, que perdeu a avó Maria das Graças para a doença. “Minha avó sempre foi uma pessoa muito batalhadora, uma mulher muito guerreira, trabalhou para sustentar os filhos. Ela veio do Ceará para ficar mais próxima dos filhos, que já moravam no Rio”, relembra.

Entre idas e vindas, Graça vivia numa ponte-aérea entre o sertão e o frenesi da Maré. “Ela ficava um pouco lá e um pouco aqui. Quando ela morreu, já fazia um ano que morava aqui”, conta Maria Daiane. Dona Graça tinha doenças preexistentes, o que agravou seu quadro quando ela foi infectada pelo coronavírus, em maio de 2020. “Foi tudo muito rápido. Ela adoeceu, passou mal, foi pra UPA e, em alguns dias, morreu. Não consegui ser atendida imediatamente, aguardou muito tempo. Morreu uma semana antes do Dia das Mães”, conta.

Segundo ela, o espaço do projeto *Azulejaria* tornou-se o ponto de encontro para sua própria família saudar a vida da matriarca, embora a tristeza seja latente. “Acredito que este é um espaço muito importante onde eu e minha

família pudemos lembrar situações e histórias. A gente se sentiu feliz, apesar da dor da perda. Conseguimos reviver memórias importantes da história dela conosco e produzir a partir dos azulejos, da arte, memórias que a trouxeram de volta.”

Para Maria Daiane, reunir-se e compartilhar lembranças com colegas na oficina tornou-se também uma espécie de ato de resistência para que ninguém esqueça a crise sanitária que ainda não está controlada, apesar do sentimento de melhora percebido a cada dia por conta dos avanços da vacinação. “É importante contar as histórias das vítimas tendo em vista a pandemia porque, devido ao aumento exponencial e progressivo das vítimas, acabou parecendo habitual todo dia alguém morrer, o que não deveria acontecer. Cada vida conta uma história. No momento da perda de uma vida, uma família sofre e chora, perde um ser amado. É importante que prevaleça que se trata de um indivíduo, são pessoas que fazem parte da vida de outras e que têm um valor imenso”, afirma.

Neste 15 de novembro, um mural com todas as homenagens será exposto na Rua Bitencourt Sampaio, na Nova Holanda. Familiares, parentes e amigos serão recebidos para uma programação especial no Centro de Artes da Maré.



DOUGLAS LOPES

Espaço do *Azulejaria* se tornou ponto de encontro para familiares saudarem a memória de entes queridos

Falero é a cara da nova literatura brasileira

Após lançamento do livro *Os supridores*, em 2020, escritor gaúcho ganhou destaque nacionalmente

JORGE MELO

Se você é jovem, pobre, mora numa favela, almeja ser escritor e acha que esse sonho é impossível, preste bem atenção à história de José Carlos da Silva Júnior, mais conhecido como **José Falero**. Gaúcho, 34 anos, ele é morador de uma das vilas, a versão gaúcha das favelas mais pobres de Porto Alegre. A Lomba do Pinheiro, onde Falero vive com a mãe, é muito parecida com as 16 favelas que compõem a Maré: casas amontoadas, muito tijolo aparente, um emaranhado de fios da rede elétrica, lixo nas esquinas, água empoçada, violência e ações policiais que desrespeitam o cidadão. Mas como toda favela, há muita gente boa, que vive, trabalha, faz comércio e conta histórias incríveis, divertidas, tristes, bizarras, inacreditáveis, românticas. José Falero faz parte desse grupo: nascido em Porto Alegre em 1987, o escritor estreou, em 2019, com *Vila Sapo* (Editora Venas Abiertas, 2019), elogiada reunião de contos. Atualmente, ele publica uma crônica semanal na revista digital *Parêntese*.

Em 2020, com um livro chamado *Os supridores* (Editora Todavia, 2020), a versão sulista dos repositores (funcionários que abastecem as gôndolas dos supermercados), Falero foi considerado umas das maiores revelações da literatura brasileira. “Meus textos refletem muito da minha vivência e da minha formação, de modo geral. A violência e a precariedade, por exemplo, nunca deixaram de estar ao meu redor, compondo o universo onde habito, e elas também aparecem com bastante frequência em tudo que eu escrevo. Mas costumo trazer um olhar crítico, uma revolta associada a elas, porque jamais consegui engoli-las, nunca fui capaz de aceitá-las. Outra coisa muito presente nos meus textos é o bom humor. Acho que

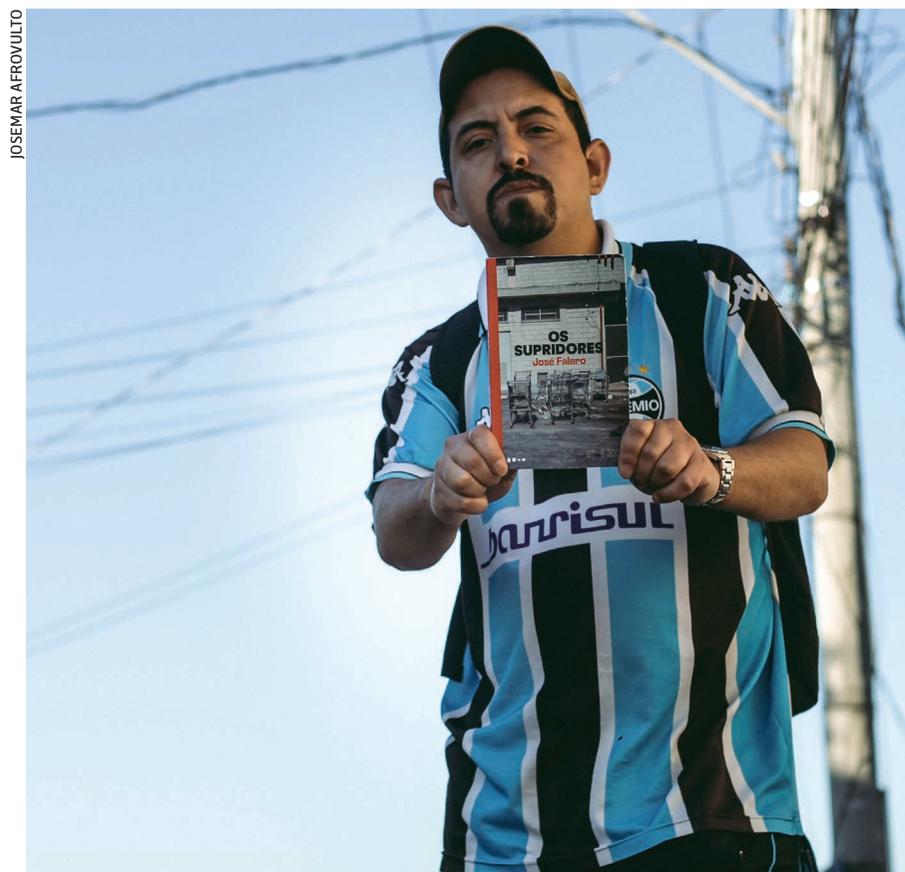
nós, da periferia, somos especialistas nisso, e não à toa: nossa vida é bastante dura, e por isso o nosso exercício de procurar motivos pra sorrir tem que ser diário, constante”, conta Falero.

O escritor gaúcho leu o primeiro livro somente aos 20 anos porque achava as revistas em quadrinhos (principalmente os mangás), os filmes e os videogames mais interessantes — um universo midiático repleto de imagens, sons e a possibilidade de controlar os personagens.

A volta à escola e os Racionais

Besta Fera, de Jack Wood (uma história sobre lobisomens), foi seu primeiro livro lido do início ao fim, para provar à irmã que realmente não gostava de ler. Porém, Falero se encantou com a possibilidade de imaginar, algo que só a literatura permite: dar rosto, corpo, figurino e movimento aos personagens; escolher os lugares, interpretar as situações. Na realidade, uma história é apenas daquele leitor, baseada em suas experiências e vivências. Falero então se tornou um leitor voraz. Leu de tudo — política, história, filosofia — e através da leitura passou a ver o mundo de outra forma: as diferenças, a pobreza, as desigualdades, a política, o poder, as classes sociais. Começou a entender por que o mundo é dessa forma. Decidiu voltar para a escola, em 2020.

“Nós experimentamos, naquele momento, no Brasil, uma terrível ascensão de forças fascistas, antidemocráticas — forças estas que são um tipo de resistência e de revide aos importantes progressos que vínhamos fazendo até o golpe de 2016. Não era difícil perceber que a nossa sociedade, até então, experimentava transformações positivas, impulsionadas principalmente pelas



José Falero é escritor gaúcho de 34 anos morador de uma das vilas, a versão gaúcha das favelas mais pobres de Porto Alegre

políticas de ações afirmativas. O perfil das pessoas que tiveram acesso às universidades ocasionou uma verdadeira revolução no debate público brasileiro. Nunca se discutiu e de maneira tão ampla e profunda coisas como o racismo, o machismo — enfim, todas as problemáticas sociais de um país absolutamente injusto como o nosso — e os mecanismos de manutenção de privilégios. Creio que a abertura do mercado literário para escritores como eu vem na esteira dessa transformação. E as editoras, que de bobas não têm nada, rapidamente perceberam a enorme demanda que existe pra toda essa diversidade por tanto tempo reprimida”, reflete Falero.

O escritor viveu um trauma quando tinha 11 anos. Ao declamar a letra de *A fórmula mágica da paz*, do álbum clássico dos Racionais MC's *Sobrevivendo no Inferno*, foi praticamente expulso da sala pela professora. Falero continuou na escola até os 16 anos, mas achou que ali não era lugar para ele. Foi trabalhar, ajudar nas despesas da casa. Mas as leituras e o

mundo que se abriu para ele a partir dos livros fizeram-no mudar de ideia. Agora quer ser professor. Até porque nos dias de hoje, os Racionais são lidos em escolas de todos os níveis e utilizados até mesmo em provas de acesso ao ensino superior.

A experiência naquela sala de aula, no entanto, deixou marcas; foram necessários muitos anos para que ele voltasse para o sistema de educação formal, via Ensino de Jovens e Adultos (EJA). “A escola tem muitos problemas, mas é um espaço de aprendizado e crescimento importante. O ideal, claro, seria que ela caminhasse no sentido de não expulsar ninguém e sim, acolher, abraçar as diversidades e interagir, produzir conhecimento com elas. Acho, inclusive, que muitos progressos foram feitos nesse sentido, quando comparo a escola de hoje com aquela do meu tempo de ensino fundamental. Ainda há muito trabalho a ser feito, mas, como eu disse, a escola é um espaço de aprendizado e crescimento importante, e me parece melhor hoje do que foi no passado.”

Autoestima e defesa pessoal na Maré

Criado pela educadora física Raissa Lima, projeto *Pra Elas* ajuda dezenas de mulheres

GRACILENE FIRMINO

Violência doméstica, psicológica e sexual, assédio e desrespeito: quando a mulher não é a própria vítima, conhece alguém que foi. Segundo dados do Instituto Patrícia Galvão, 97% das brasileiras já sofreram assédio em meios de transporte, e 76% experimentaram esse tipo de violência no ambiente de trabalho. A missão do *Pra Elas* é reverter esse quadro: o projeto social, que atua no conjunto de favelas da Maré, tem como objetivo impactar positivamente a autoestima e a vida das mulheres.

“Na verdade eu já tinha essa ideia há muito tempo, só faltava desenvolver. Minha mãe sofreu violência doméstica quando eu era pequena; acredito que, se existissem na época projetos que a tivessem acolhido e apoiado quando isso aconteceu, ela poderia ter saído mais rapidamente daquele relacionamento abusivo. Com o projeto, as mulheres podem voltar a se ver de forma positiva. Atuamos não apenas ensinando defesa pessoal ou praticando atividade física para melhorar a autoestima e o bem-estar, como também buscamos estar ao lado dessas mulheres”, conta a criadora do *Pra Elas* em 2019,

Raissa Lima, de 25 anos.



Matheus Affonso
Ao ensinar técnicas de defesa pessoal, projeto *Pra Elas* tem como objetivo central causar impacto positivo na vida das mulheres

Elas por elas

Educadora esportiva e professora de judô, Raissa reforça que o projeto é voltado apenas para mulheres a partir dos 25 anos. “Temos como objetivo fazer com que as mulheres aprendam a se defender e a reconhecer um relacionamento abusivo; se elas estão sofrendo e precisam de algo, o projeto vai estar ali, para apoiá-las. Também faz parte da nossa missão fazer com que essas mulheres percebam como foram impactadas negativamente durante toda a sua vida por um sistema que acaba minando sua autonomia”, a idealizadora do projeto.

A professora conta que atuar nesse projeto deu a ela a oportunidade de conhecer histórias impactantes. “A da Sandrinha me marcou muito. Ela é dependente química e tem depressão. Começou a ir no treino, às vezes faltava, às vezes comparecia... Um tempo depois, ela nos contou como o projeto a ajudou a sair da dependência de drogas. Foi uma coisa muito importante para mim. É incrível ver que o funcional, a defesa pessoal, o boxe e as rodas de conversa ajudam de fato as mulheres que participam”, celebra.

Sandrinha é como, carinhosamente, Raissa chama **Sandra Regina Felipe**, de 47 anos. A auxiliar de cozinha conta que o *Pra Elas* salvou

sua vida. “Minha experiência foi de superação. Eu estava tentando superar o vício em drogas, cigarro e bebidas. A perda de um sobrinho, que foi criado por mim e minha mãe, foi a gota d’água para eu querer mudar minha vida. O projeto me ajudou demais, me transformou em quem sou hoje. Pratico jiu-jitsu e muay thai. Além dos exercícios, o projeto nos ajuda a perder peso e, com isso, minha autoestima cresceu. E a Raissa, além de ser mentora, é nossa amiga. Eu estava no fundo do poço e, no projeto, me vi acolhida”, relata.

Dados alarmantes

Em 2020, mais de 105 mil denúncias de violência contra a mulher foram registradas nas plataformas do Ligue 180 e do Disque 100, segundo o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH). Desse total, 72% (75,7 mil denúncias) são referentes à violência doméstica e familiar.

Segundo o ministério, a maioria das vítimas é de mulheres pardas, de 35 a 39 anos, com renda de até um salário mínimo. O perfil mais comum dos acusados é de homens brancos, com idade entre 35 a 39 anos. O tema marca nessa edição a celebração do dia Internacional para a Eliminação da Violência contra as Mulheres (25 de novembro).

Delícias que cabem no bolso

CROQUETE DE BANANA-DA-TERRA COM QUEIJO COALHO

INGREDIENTES:

- 1,6 kg de banana-da-terra (para fazer a massa)
- 100g de maisena
- 100ml de água do cozimento
- 200g de cebola
- 100g de margarina
- Queijo coalho
- Ovos
- Farinha panko
- Sal a gosto



MODO DE PREPARO:

Ponha as bananas para cozinhar, sem esquecer, quando estiverem macias, de reservar 100 ml da água usada. Depois de cozidas, amasse-as até que formem um purê e dissolva a maisena na água de cozimento. Em uma panela, doure a cebola na margarina; a seguir, acrescente o purê de banana temperado a gosto com o sal e a água do cozimento misturada com a maisena. Cozinhe a mistura até formar uma massa lisa, que solte do fundo da panela. Depois que ela esfriar, use-a para moldar os croquetes, recheando-os com o queijo coalho. Passe os bolinhos no ovo batido e, em seguida, na farinha panko, fritando-os em seguida.

É do Maré de Sabores esta receita de croquete de banana-da-terra com queijo coalho, que você pode pedir na sua casa. Para conferir outras delícias e mais o cardápio na loja online, acesse o link na bio do Instagram @maredesabores.

PALAVRAS CRUZADAS

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Mamífero asiático ameaçado de extinção	Retrair	Cada divisão da piscina olímpica	Formato da cantoneira	Barreira ultrapassada pelos aviões supersônicos	Postura para a foto	Tonalidade do milho (?) Barbosa, ginasta
Clarão que acompanha a trovoad						
Silvino Neto, compositor			Afastar dos outros			
			Árvore ornamental		Bebida gasosa de sabor limão	
Parceira comercial				(?) nascido: bebê		
Gênero musical				O do Brasil é o samba		
					A vogal do pingo Vermelho, em inglês	Artigo definido feminino singular
Grupo de amigos			Ponto cardeal oposto ao Sul		Ao (?): à volta	
Dígrafo de "unha"					Seguia; partia	
Carteira de (?): Registro Geral					Sucede ao "C"	(?)-agradecido: ingrato (bras.)
Perfume; cheiro					Tais Araújo, atriz	
Bate-papo on-line	O lado de dentro da roupa				Assunto de um filme	
					Machucar	
					Sininho (Lit. inf.)	
					Grande tronco	Fruto servido com granola
(?) Sangalo, cantora baiana						
Cumprimento informal						
Não é? (pop.)			150, em algarismos romanos			O caseiro combate a desidratação
Profissão de Clarice Lispector						
Devastar; arruinar						
					Sílabas de "muito"	

BANCO 3/red. 4/chat. 6/galeria. 7/assolar. 9/reiampelo.

MARÉ DE DIREITOS

Atendimento gratuito com advogadas, psicólogas e assistentes sociais

Você também pode ter acesso ao atendimento do Maré de Direitos online, pelo nosso WhatsApp.



- Vila dos Pinheiros:** Quintas-feiras, de 13h às 17h
Redes da Maré Pinheiro
Via A1 s/nº - anexo do CIEP Ministro Gustavo Capanema
- Nova Maré:** Quintas-feiras, de 9h às 12h
Lona Cultural Municipal Herbert Vianna - Rua Evanildo Alves, s/nº
- Nova Holanda:** Sextas-feiras, de 9h às 13h
Redes da Maré Nova Holanda
Rua Sargento Silva Nunes, 1012
- Parque União:** Sábados, de 9h às 13h
Casa das Mulheres da Maré [apenas mulheres]
Rua da Paz, 42

(21) 99924-6462

www.redesdamare.org.br

TODO O UNIVERSO DE MAGIA DA LUCAS TOON PARA VOCÊ COLECIONAR E SE DIVERTIR

JÁ NAS BANCAS!

Ediouro

© 2021 Lucas Neo Studios

Solução

I	U	M	R	V	T	O	S	V
V	O	I	C	R	E	S	E	N
C	S	O	R	O	E	N		
R	O	L	A	V	E	T	E	N
A	D	A	F	A	D	A	C	H
V	A	C	R	O	T	E	M	A
L	D	O	M	A	O			
E	I	D	E	N	T	I	D	E
R	O	R	E	I	H	N		
V	A	L	E	R	A			
M	P	R	E	C	E	M		
V	D	S	I	A	C	O	S	
H	V	O	S	I	N	S		
O	L	A	M	P	E	J		
C	V	R						

O MARÉ DE NOTÍCIAS TAMBÉM É SEU!

Fale com a gente!

(21) 97271-9410